

LESBOCÍDIOS NOTICIADOS PELO JORNALISMO: TEXTOS VERBO-VISUAIS EM ANÁLISE

LESBICIDES REPORTED BY JOURNALISM: AN
ANALYSIS OF VERBO-VISUAL TEXTS

PAULO BERNARDO FERREIRA VAZ¹
MARIA CLARA SOARES RODRIGUES²
STEYCE DAYANE LOPES³

RESUMO

Este artigo trata de uma análise dos textos verbo-visuais de seis notícias jornalísticas sobre casos de lesbocídios de Gerciane Pereira de Araújo, Jakeline Galdino da Silva e Gilmara de Almeida Lopes. O objetivo central é compreender como o jornalismo contribui para a constituição de imaginários sociais a respeito das lesbianidades. A análise é centrada nos elementos tipográficos e nos textos visuais utilizados. Os procedimentos metodológicos para estudar esses materiais consistem em dividi-los em categorias técnicas de análise que permitem olhar para os aspectos estruturais e observar os sentidos que emergem. Como resultado, foi possível notar o imbricamento do jornalismo com os quadros normativos que definem os corpos que importam ou não e, conseqüentemente, o modo como as narrativas devem ser feitas. Além disso, apesar da distância temporal entre os casos, ficou evidente que estratégias de sensacionalismo, apagamento e violência midiática perduram ao longo do tempo sobre os corpos lésbicos.

Palavras-chave: Lesbocídio; Jornalismo; Textos verbo-visuais; Narrativas.

ABSTRACT

This article presents an analysis of the verbo-visual texts of six journalistic reports about three cases of lesbicides: those of Gerciane Pereira de Araújo, Jakeline Galdino da Silva, and Gilmara de Almeida Lopes. The main objective is to understand how journalism contributes to the construction of social imaginaries regarding lesbian identities. The analysis focuses on the typographic elements and visual texts used. The methodological procedures for

- 1 Professor visitante junto ao PPGCOM da UFOP. Aposentou-se na UFMG em 2012, tendo participado do corpo permanente de seu PPGCOM desde sua implantação, ali colaborando até o ano de 2020. Foi professor visitante no PPG de Jornalismo da UFSC. Lecionou e orientou dissertações no Programa de Mestrado em Estudos Culturais da FUMEC. Sua formação acadêmica deu-se na PUC-MG (Graduação em Comunicação Social), na Universidade de Paris-13 (Mestrado em Editoração, Doutorado em Comunicação e Educação) e na Universidade do Minho (Pós-Doutorado). Na UFOP integra os grupos de pesquisa "Giro" e "Poéticas do Olhar", e na UFMG, o grupo "ex-press". E-mail: paulobvaz@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9868-4081>
- 2 Jornalista e mestranda em Comunicação na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em Minas Gerais, no Brasil. Além disso, é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Suas áreas de interesse são relacionadas aos estudos de gênero e sexualidade, com foco específico em lesbianidades. No mestrado, pesquisa a forma como o jornalismo hegemônico noticiava casos de violências cometidos contra as lesbianidades. Integra o Grupo de Pesquisa Ponto: afetos, gêneros e narrativas (UFOP) e o Grupo de Estudos em Lesbianidades (GEL, UFMG). E-mail: mariaclarasoaesrodrigues@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5195-8830>
- 3 Atualmente é mestranda em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Cultura e Sociabilidades, com foco no eixo temático Cultura, Comunicação e Sociabilidades. É bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e integra o Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR e o Grupo de Estudos em Lesbianidades da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Também atua como voluntária de mídias no Arquivo Lésbico Brasileiro. É bacharela em Comunicação Organizacional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Tem interesse nos seguintes temas de pesquisa: lesbianidades, estudos sobre gêneros e sexualidades, mídias sociais, sociabilidades digitais e juventudes. E-mail: steyce6@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3838-2480>

studying these materials consist of dividing them into technical categories of analysis that allow us to examine structural aspects and observe the meanings that emerge. As a result, it was possible to note the intertwining of journalism with the normative frameworks that define which bodies matter and consequently how narratives are shaped. Furthermore, despite the temporal distance between the cases, it became evident that strategies of sensationalism, erasure, and media violence persist over time in representations of lesbian bodies.

Keywords: *Lesbicide; Journalism; Verbo-visual texts; Narratives.*

Introdução

Crimes bárbaros, como o esquartejamento de uma ex-namorada por ela ter-se revelado lésbica, ou o assassinato a tiros de duas namoradas que passeavam em uma avenida, cuja única “ofensa” aos assassinos foi o carinho demonstrado uma pela outra, são apenas dois, entre muitos, crimes de ódio cometidos contra lésbicas no Brasil. Tendo em vista que o jornalismo tem a capacidade de (re) violentar os corpos em questão (Leal, Carvalho, Antunes, 2020), nosso olhar se volta para as narrativas jornalísticas que noticiam esses casos, mais especificamente para seu tratamento gráfico-editorial.

Refletir sobre a dimensão gráfico-editorial do jornalismo em casos de lesbocídio é fundamental, sobretudo diante das dificuldades que a prática jornalística ainda apresenta ao articular textos verbais e visuais em notícias sobre violências. O modo como os meios de comunicação tratam esses acontecimentos nem sempre acompanha a complexidade e a gravidade das situações narradas. Nesse contexto, a mídia atua como uma espécie de “macrotestemunha” dos fatos, desempenhando um papel central na difusão dos episódios de violência e na formação de um imaginário social sobre o tema (Rondelli, 1998).

Neste trabalho, partimos das colocações de Abril (2012), que considera as imagens como resultantes (e formadoras) de imaginários sociais criados a partir dos sentidos da realidade. Propomos analisar, então, os textos verbo-visuais empregados em seis matérias que noticiam três casos de lesbocídio, um ocorrido em 2014, e os outros, em 2024. O intuito em selecionar um *corpus* com tamanha distância temporal é realizar uma abordagem histórica e comparativa, que visa compreender se houve avanços ao longo do tempo na forma como o jornalismo cobre os casos em que mulheres lésbicas são assassinadas. Na análise, privilegiamos dois aspectos em específico: os títulos e os textos visuais utilizados.

O objetivo principal da pesquisa, assim, é compreender como os textos verbo-visuais utilizados nas notícias constituem o imaginário social a respeito das lesbianidades. Além disso, propomos investigar o modo como essa construção narrativa impacta na memória lésbica. Para tal investigação, discutimos teoricamente nas primeiras seções sobre alguns conceitos fundamentais para o presente trabalho, como os relacionados ao que entendemos como lesbocídio, violência midiática e textualidades, sendo este último conceito central em nosso foco analítico. Na sequência, observamos os aspectos tipográficos e, depois, realizamos a análise dos textos visuais. Por fim, nas considerações finais, apresentamos um compilado dos principais achados da pesquisa.

Jornalismo, violências e a articulação das textualidades

O termo “lesbocídio” ganhou considerável circulação midiática a partir do *Dossiê sobre Lesbocídio* (2018), de Milena Peres, Suane Soares e Maria Clara Dias. As autoras (2018) definem o significado de lesbocídio como a “morte de lésbicas por motivo de lesbofobia ou ódio, repulsa e discriminação contra a existência lésbica” (p. 19), e enfatizam a importância de utilizar o termo para facilitar a identificação de violências e tensionar o Estado quanto à necessidade de políticas públicas. Apesar do lesbocídio se caracterizar como um tipo de feminicídio, ele tenciona, além da dimensão de gênero, a de sexualidade.

É relevante destacar também que existem outros atravessamentos que podem perpassar essas vivências. Raça, etnia, idade, deficiência e classe social são possibilidades de intersecção. Essa ponderação é importante, uma vez que as relações de poder - que permeiam, inclusive, o jornalismo - manifestam-se de maneira desigual conforme os corpos, experiências e trajetórias dos indivíduos. Essa perspectiva, voltada para a compreensão das complexidades das pessoas, dos marcadores sociais da diferença e dos distintos lugares sociais, dialoga com a noção de interseccionalidade, conforme proposto por Collins e Bilge (2021).

Partindo dessa compreensão, é importante refletir sobre o papel do jornalismo na sociedade. Em consonância com Resende (2011), situamos o jornalismo enquanto uma prática cultural que está inserida em dinâmicas de disputas de um determinado tempo social. As narrativas jornalísticas, assim, são perpassadas por textualidades (Abril, 2012) que, além de constituírem os discursos comunicacionais, constroem (ou reforçam) sentidos sociais e visões de mundo. A partir dessa perspectiva, consideramos as narrativas não só como um lugar que compartilha e produz significados (Resende, 2011), mas também uma superfície na qual histórias (de vida e de morte) se materializam e ganham corpo no social.

Complementando essa discussão, Antunes, Mafra e Jáuregui (2018) argumentam que os textos estabelecem fronteiras com outros textos e, por isso, precisam ser compreendidos a partir de suas articulações e interlocuções. Isso significa que os textos “não vivem soltos, e se constituem em meio a processos materiais, históricos e situacionais que os conformam/os dão forma” (p. 44). Nessa perspectiva, partindo do entendimento que os textos midiáticos são constituídos por interesses, visões de mundo e valores sociais (Veiga, 2010), torna-se possível identificar neles disputas por sentidos, jogos de poder e regimes de visibilidade.

Por conseguinte, é notório que a forma como os crimes são apresentados nos veículos de comunicação não é neutra nem imparcial, mas atravessada por escolhas discursivas que afetam a visibilidade das vítimas, os enquadramentos morais atribuídos aos casos e os sentidos produzidos em torno da violência. No caso específico dos lesbocídios, observa-se que os meios de comunicação, majoritariamente, constroem narrativas que tendem a silenciar os aspectos relacionados à orientação sexual das vítimas (ou culpabilizá-las por esta) (Peres; Soares; Dias, 2018), ao mesmo tempo em que suavizam a imagem dos agressores, destacando elementos como suas profissões ou suposta boa reputação social.

Considerando esse horizonte, a abordagem de Antunes, Vaz e Trindade (2019) oferece uma contribuição relevante. Os autores propõem que os textos verbo-visuais sejam observados nos termos de suas significações culturais, “relacionados às práticas sociais e às relações de poder em que estão envoltos, o que supõe lê-los contextualmente [...] e interpretá-los reflexivamente”

(Antunes; Vaz; Trindade, 2019, p. 262). Essa perspectiva é imprescindível para considerar o caráter historicamente situado dos textos, sobretudo porque ignorá-lo significa favorecer “a perpetuação e a adoção acrítica de valores e princípios” (Leal, 2018, p. 24).

Tal abordagem norteia o presente trabalho, uma vez que ao analisarmos os textos que noticiam os lesbocídios, temos de levar em conta todo o contexto lesbofóbico que permeia a sociedade e, portanto, o jornalismo. Não à toa, Veiga (2010) e Meditsch (1998) destacam que o jornalismo, ao mesmo tempo em que permeia a cultura, é permeado por ela. Trata-se de uma relação de coprodução simbólica, na qual os produtos midiáticos não apenas reproduzem dinâmicas socioculturais, mas também as reconfiguram e reinscrevem na esfera pública.

Diante do exposto, em uma sociedade na qual as lésbicas são vistas como estranhas à categoria Mulher (Wittig, 2022) por dissociarem do que é esperado das imposições da heterossexualidade compulsória (Rich, 2019), estudar os textos verbo-visuais acionados nas matérias que noticiam suas mortes é também uma maneira de compreender como a existência lésbica é entendida socialmente. Analisar essas representações, portanto, nos permite avaliar como a existência lésbica é simbolicamente enquadrada, silenciada ou distorcida no discurso midiático e, com isso, como o jornalismo pode colaborar para a manutenção de um imaginário que legitima ou naturaliza a violência lesbocida. Isso pode ser perceptível, inclusive, nos pormenores e detalhes do fazer-jornalístico, como veremos a seguir.

Da teoria à prática jornalística

Neste artigo, o recorte empírico é feito sobre seis matérias⁴ acerca do assassinato de Geriane Pereira de Araújo, de 26 anos, ocorrido em 2014, e o de Jakeline Galdino da Silva e Gilmara de Almeida Lopes, de 30 e 37 anos, em 2024.

O primeiro caso aconteceu em Teresina (PI). O ex-namorado da vítima a esquartejou e colocou suas partes íntimas na boca, o que se configura como um crime de ódio com intenção de puni-la por estar se relacionando com mulheres. A brutalidade do crime revela, portanto, além da misoginia, o caráter lesbofóbico, que se caracteriza como uma discriminação que naturaliza a hostilidade e possibilita “práticas de aversão e repulsa contra mulheres não heterossexuais” (Santana, 2014, p. 41). No segundo caso do *corpus*, Jakeline Galdino da Silva e Gilmara de Almeida Lopes foram assassinadas na cidade de Campos Sales (Ceará) enquanto caminhavam de mãos dadas na avenida. Dois homens de moto as mataram a tiros.

A análise é centrada nos títulos e nos textos visuais das matérias. Para observar este primeiro aspecto, desenvolvemos categorias próprias que dessem conta deste material em específico. Elas consistem em: tamanho das fontes, cores utilizadas, quantidade de palavras e destaques sobrepostos. Essa mesma ordem é seguida em relação ao estudo dos textos visuais, uma vez

4 Link das matérias do primeiro caso:

<https://bit.ly/4h95tR6>

<https://bit.ly/493ApAn>

<https://bit.ly/492cX6y>

Link das matérias do segundo caso:

<https://bit.ly/3WA0PCe>

<https://bit.ly/470HizL>

<http://bit.ly/3WyqxLo>

que, em primeiro lugar, observamos o que o conteúdo imagético evidencia não só sobre as vítimas, mas sobre todo o contexto social que as enreda.

Posteriormente, nos dedicamos a analisar as dimensões técnicas, como as relacionadas à natureza das imagens (que podem ser de conflito ou harmonia em relação ao texto verbal), a finalidade pelas quais estão sendo utilizadas e, por último, a configuração plástica (que abrange a topologia, composição formal e os elementos cromáticos).

Tipografia: apenas um arranjo visual?

O design gráfico desempenha importantes funções referentes ao convite para leitura (Morais, 2018) das notícias midiáticas. Isso porque, como afirmado por Freire (2009, p. 2), além de potencializar o discurso jornalístico, esse aspecto tem a capacidade de “organizar os conteúdos, criar identidade, atrair a atenção do leitor e construir o sentido pela relação entre verbal e não-verbal”. Nessa perspectiva, a tipografia é um dos elementos do design gráfico mais imprescindíveis para a comunicação visual jornalística. Está relacionada aos “títulos principais e secundários distribuídos na página, ao logotipo do cabeçalho do jornal ou do site, a organização hierárquica da notícia e, principalmente, ao contraste entre os elementos gráficos do layout” (Araújo, 2019, p. 136).

Ainda que o foco desta análise não recaia sobre os significados linguísticos dos títulos, é importante, antes de aprofundar a discussão sobre a tipografia e os aspectos gráficos, apresentar uma breve contextualização da abordagem jornalística nas chamadas dos casos analisados⁵. Afinal, tendo em vista que os significados podem ser minimizados ou potencializados de acordo com o layout (Araújo, 2019), consideramos essencial olhar de forma articulada para os elementos técnicos e semânticos. Essa síntese, organizada na Tabela 1, permite compreender o modo como os discursos midiáticos presentes nos títulos constroem representações sobre as vítimas e os crimes.

Tabela 1: Informações textuais presentes nos títulos

Nº	Veículo	Título	Linha fina
N1	Cidadeverde.com	Preso churrasqueiro suspeito de matar namorada e colocar partes íntimas na boca	Não tem
N2	GPI	Avó de jovem morta com requinte de crueldade confirma que neta era usuária de droga	Gerciane Pereira foi vista pela última vez na companhia de um casal que chegou de carro para pegá-la em sua residência localizada no Morro da Esperança, zona norte da capital.
N3	G1	Avó de jovem que teve corpo cortado ao meio diz que família sofria ameaças	Corpo de Gerciane Pereira de Araújo, 25 anos, foi velado nesta quinta (17). Avó disse que neta era usuária de drogas e saiu com um casal no dia do crime.

5 Por entendermos que está além da proposta principal deste artigo, não realizamos uma análise semântica detalhada dos títulos, ressaltando, contudo, a importância de olhar para esses fatores de forma articulada em estudos futuros.

Nº	Veículo	Título	Linha fina
N4	G1	Casal de mulheres é assassinado a tiros quando caminhava de mãos dadas em via pública no Ceará	Vítimas são Jakeline Galdino da Silva e Gilmara de Almeida Lopes. Crime ocorreu na cidade de Campos Sales, no interior do estado.
N5	Metrópoles	CE: casal de mulheres é morto a tiros enquanto caminhava de mãos dadas	Jackeline e Gilmara foram assassinadas em via pública na cidade de Campos Sales, no interior do Ceará. Polícia procura suspeitos
N6	Terra	Casal de mulheres é assassinado a tiros quando caminhava de mãos dadas no Ceará	Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social do Estado está investigando o caso

Fonte: Autoria própria, 2025

Observa-se, conforme a Tabela 1, que estratégias de sensacionalismo, apagamento, culpabilização das vítimas e isenção da responsabilidade do criminoso estão presentes em todas as notícias examinadas. No caso de Gerciane, a violência midiática⁶ se manifestou de maneira mais explícita: nitidamente atribuindo a ela um lugar de marginalidade, de quem merece ser enquadrada como uma “vítima má”. Além disso, a reiteração constante dos detalhes sobre como foi assassinada também se caracteriza como uma forma de desumanizar seu corpo diante do público e, assim, fragilizar sua composição memorialística. Já em relação ao caso do casal assassinado, embora os títulos ainda sejam constituídos de modo problemático e desrespeitoso, acionam e reproduzem preconceitos direcionados às lesbianidades de forma mais “mascarada” se comparados ao de Gerciane.

Após essa sucinta consideração, voltamo-nos agora aos aspectos gráficos dos títulos que compõem essas notícias. Nosso objetivo é observar de que modo os elementos tipográficos contribuem para a construção desses sentidos. Para isso, realizamos uma categorização em quatro dimensões analíticas: (1) tamanho das fontes utilizadas; (2) cores dos títulos; (3) quantidade de palavras empregadas; e (4) presença de algum tipo de destaque visual sobreposto, conforme evidencia a Tabela 2. Essa organização permite compreender como as escolhas gráficas participam da produção de sentidos e reforçam, ou atenuam, os discursos observados nas narrativas jornalísticas.

Tabela 2: Aspectos tipográficos

Notícia	Tamanho	Cor	Quant. de palavras	Destaque
N1	Médio	Azul	12	Sim - Negrito
N2	Grande	Preta	15	Sim - Negrito
N3	Médio	Preta	14	Sim - Negrito
N4	Médio	Preta	17	Sim - Negrito
N5	Médio	Marrom	13	Sim - Negrito
N6	Médio	Preta	14	Sim - Negrito

Fonte: autoria própria, 2025

6 Compreendemos a definição de violência midiática como “aquela produzida pelos meios massivos de comunicação através de publicações, difusão de mensagens e imagens que promovem a exploração de mulheres e suas imagens, ou que injúria, difame, discrimine, desonre, humilhe ou atente contra a dignidade delas” (Miranda, 2017, p. 11).

Todas as matérias têm o destaque em forma de negrito como fator comum. Este elemento colabora para demarcar uma certa “urgência” sobre o assunto abordado no título, chamar a atenção do leitor e, ainda, contribui para a legibilidade. Quanto ao tamanho da fonte, observou-se o padrão “médio” na maioria das notícias, com exceção da N2, que apresentou o título em tamanho grande, destoando das demais. Tal escolha tipográfica pode evidenciar uma tentativa de explicitar neutralidade e imparcialidade diante dos fatos noticiados (os lesbocídios).

O número de palavras nos títulos varia entre 12 e 17, o que, à primeira vista, poderia oferecer margem para a construção de uma narrativa cuidadosa e respeitosa em relação às vítimas. No entanto, o conteúdo sintático dos títulos revela o contrário, uma vez que, em sua maioria, assumem um tom sensacionalista e desrespeitoso, acionando e reproduzindo estigmas sobre as vítimas e, dessa forma, demonstrando pouco compromisso com a dignidade ou a memória de Gerciane, Jakeline e Gilmara. Desse modo, a quantidade de palavras não está associada a uma narrativa cuidadosa, mas sim a uma exploração da violência.

No que diz respeito às cores, Araújo (2019) defende que podem realçar determinados pontos, além de estimular a “experiência afetiva de memória do leitor” (p. 144). O autor, apoiado nos estudos de Ruiz (1999), argumenta que as cores têm o papel de reter a atenção do leitor durante o maior tempo possível e produzir o tom editorial e gráfico desejado. Nessa perspectiva, a não utilização de cores de destaque demonstra que não há intenção de realçar determinados elementos informativos ou, ainda, revela o objetivo de facilitar a leitura diante dos aparelhos eletrônicos (Araújo, 2019).

É possível notar essas estratégias no *corpus* do presente artigo, uma vez que a cor preta predomina em 4 das 6 notícias, tendo variações apenas da N1 e N5, que utilizam azul e marrom, respectivamente. Ainda assim, não são cores fortes e chamativas: ambas as tonalidades são fechadas e escuras. Desse modo, a partir da observação desses aspectos tipográficos, ficou evidente que as escolhas de tamanho, cor, quantidade e destaque das palavras objetivam transmitir seriedade e objetividade, o que contrasta com os significados narrativos construídos nas 6 matérias.

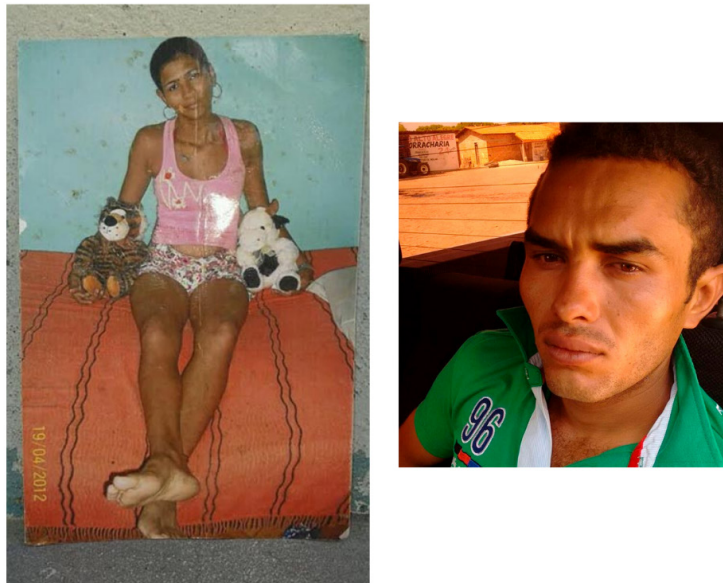
Uma análise sobre os textos visuais

Nesta seção, pretende-se discorrer acerca dos textos visuais acionados nas matérias jornalísticas sobre os casos de Gerciane Pereira de Araújo e do casal Jakeline Galdino da Silva e Gilmara de Almeida Lopes. A abordagem parte do entendimento de que as imagens não operam de forma isolada, mas em articulação com outros elementos textuais e visuais (Ferreira Júnior, 2015; Abril, 2012). Por isso, consideramos os textos verbo-visuais como construções situadas socialmente, capazes de (re)produzir regimes de visibilidade, apagamentos e sentidos sobre os corpos representados. Em um primeiro momento do texto será abordado um panorama geral das abordagens imagéticas sobre os casos de lesbocídio e, na sequência, mobilizaremos categorias analíticas para discorrer acerca dessas representações.

Nas três matérias analisadas sobre o assassinato de Gerciane, observa-se uma representação imagética fragmentada, descontextualizada e marcada por apagamentos. Na Notícia 1 (do Portal Cidade Verde), são utilizadas quatro imagens: uma fotografia de Gerciane ao lado de

bichos de pelúcia (datada de 2012), duas imagens da cena do crime⁷ e uma foto em destaque do agressor, Cleyson da Conceição Mendes, conforme explicita a Figura 1:

Figura 1: Imagens utilizadas na N1 - Caso Gerciane



Fonte: Portal Cidade Verde (2015)

No entanto, essas imagens carecem de integração com o texto verbal. A foto de Gerciane, por exemplo, aparece sem legenda adequada, convertendo-se em um “antes trágico”, conforme apontam Vaz e Biondi (2016), que já identificaram essa prática recorrente nas coberturas de feminicídios e que se aplica, também, ao contexto de casos de lesbocídios. A ausência de relação entre imagem e texto compromete a construção de memória da vítima, que é reduzida a um corpo morto, sem história. Esse corpo é, inclusive, explorado de forma sensacionalista pela N1, que recorre a fotografias da cena do crime e da vítima jogada num terreno em meio a entulhos. Esse excesso visual, além de transformar a vítima em um mero objeto de consumo midiático (Ferreira Junior, 2015), evidencia a dimensão de precariedade e abjeção dessa vida que não é considerada enquanto tal e que, portanto, não é digna de luto (Butler, 2022).

Ainda na N1, a maior visibilidade é concedida ao assassino, cuja foto é apresentada em tamanho destacado e sem legenda, sugerindo uma equiparação, de certo modo, entre vítima e agressor. Essa estratégia reforça, como alerta Rondelli (1998), uma narrativa que dilui a assimetria da violência, apresentando os envolvidos como personagens equivalentes de uma tragédia privada.

Além disso, observou-se a insensibilidade na nomeação de três dos arquivos das imagens (trazidos como “jovemretalhada.jpg” “corpo_vagina.jpg” e “corpo_vagina_mulher_ddd.jpg”⁸), o que evidencia uma prática de desumanização e de fazer com esse corpo seja revitimizado. A linguagem empregada nesses arquivos reforça a lógica da espetacularização da violência e a objetificação da vítima, reduzida às partes do corpo violentadas, o que implica diretamente na negação de sua subjetividade. Conforme afirmam Oliveira e Rodrigues (2021, p. 42), os femi-

7 As cenas do crime que explicitam o corpo foram suprimidas por se tratar de imagens que violam a memória de Gerciane Pereira de Araújo. Diante disso, optou-se, por uma questão ética, por não reproduzi-las.

8 Para verificar a maneira pela qual os arquivos foram nomeados, veja os endereços das imagens a seguir: <http://www.cidadeverde.com/noticias/editor/assets/img63/jovemretalhada.jpg>; http://www.cidadeverde.com/noticias/editor/assets/img63/carol/corpo_vagina.jpg; http://www.cidadeverde.com/noticias/editor/assets/img63/carol/corpo_vagina_mulher_ddd.jpg.

nicídios “têm sido apresentados muitas vezes de forma sensacionalista e espetacularizada”. Embora os casos aqui sejam enquadrados como lesbocídios – já que além do gênero desviante, são perpassadas pela orientação sexual distinta da heteronormativa – é perceptível que essa mesma lógica é aplicada a eles.

Já na Notícia 2 (Portal GP1), a única imagem presente sequer carrega, permanecendo como um rastro não acessível da vítima, conforme Figura 2:

Figura 2: Ausência de imagens na N2 - Caso Gerciane



Fonte: Portal GP1 (2014)

Essa ausência da fotografia, ainda que possa parecer um erro técnico, adquire força quando compreendida no contexto de negligência e apagamento histórico das existências lésbicas. A falha em assegurar que todos os elementos da matéria, como a imagem, estejam disponíveis e funcionais pode ser interpretada como um indicativo de descaso editorial. Essa lacuna visual impede o que Hans Belting (2006) chama de presença icônica, ou seja, a possibilidade de uma “ausência visível” em que a imagem, mesmo na ausência física do corpo, o evoca e o reinscreve na experiência coletiva. Desse modo, a vítima permanece duplamente ausente: no corpo e na memória visual.

Já a Notícia 3 (G1 Piauí) retoma a fotografia de 2012 (a de Gerciane ao lado de bichos de pelúcia) e adiciona uma imagem da avó de Gerciane em entrevista. Essa última imagem é acompanhada da legenda: “Avó de vítima relata que neta era usuária de drogas e sofria ameaças”, conforme mostra a figura 3. Ao enfatizar esse dado sem relação direta com o crime, a narrativa acaba por sugerir uma causalidade implícita, como se o envolvimento com drogas justificasse a violência sofrida. Nesse sentido, lembramos da discussão de Oliveira e Rodrigues (2021, p. 45) na qual as autoras mencionam que determinadas escolhas discursivas acabam “estimulando um julgamento moral e abrindo brechas para a defesa do assassino justificar falsa passionalidade”. Nesse caso, tal abordagem desloca a centralidade do crime de ódio e reinscreve a vítima dentro de estigmas sociais que desvalorizam sua vida e existência lésbica.

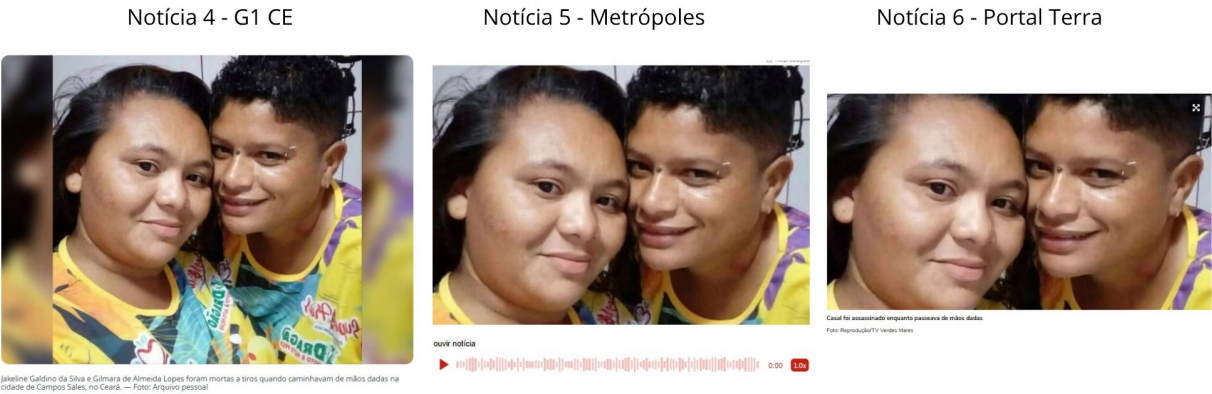
Figura 3: Imagens N3 - Caso Gerciane



Fonte: G1 Piauí (2014)

No segundo caso, mais recente, observa-se uma diferença em relação à humanização das vítimas, embora persistam estratégias de apagamento e enquadramentos problemáticos. Em todas as matérias analisadas, a imagem do casal é a mesma: uma fotografia de arquivo pessoal em que Jakeline e Gilmara aparecem juntas, que pode ser vista na Figura 4.

Figura 4: Fotografia Jakeline e Gilmara nas N4, N5 e N6



Fonte: G1 CE (2024); Metrôpoles (2024) e Portal Terra (2024)

A imagem, embora possa ser entendida como assertiva e contribua para construir uma memória afetiva e visual das vítimas, é acompanhada por legendas que reduzem ambas ao fato de terem sido assassinadas, como em: “Casal foi assassinado enquanto passeava de mãos dadas” (N6). Essa redução à violência dificulta que as pessoas leitoras associem seus rostos a suas histórias de vida para além do crime que as matou.

Na Notícia 4, o vídeo que acompanha o texto apresenta chamadas como “DUAS MULHERES MORTAS EM CAMPOS SALES”, omitindo a motivação do crime e o fato de que se tratava de um casal lésbico, como pode ser visto em um printscreen na Figura 5⁹:

Figura 5: Print do vídeo da N4 - Caso Jakeline e Gilmara



Fonte: G1 CE (2024)

Essa omissão inicial demonstra como a narrativa visual pode esvaziar o caráter lesbofóbico do crime, transformando um ataque motivado por orientação sexual em um episódio genérico de violência. Como enfatizado por Miranda (2017), a forma como a mídia apresenta a violência pode tanto colaborar com a desconstrução de estereótipos quanto reforçá-los. Neste caso, o silenciamento da identidade do casal dificulta que o lesbofóbio seja reconhecido enquanto tal.

9 A imagem da jornalista foi borrada neste caso porque entendemos que, ao expô-la, haveria o risco de associar sua figura individual a uma prática jornalística problemática, especialmente diante dos casos analisados.

A Notícia 5 (Metrópoles) retoma a mesma fotografia sem oferecer qualquer legenda, dificultando a identificação individual das vítimas e reiterando o apagamento simbólico de suas singularidades. A Notícia 6 (Portal Terra) segue a mesma tendência: utiliza a mesma imagem do casal e apenas reforça a narrativa da morte, sem aprofundar qualquer elemento de contexto social ou afetivo.

Tendo em vista esse contexto geral, agora será apresentada uma análise sobre esses acionamentos imagéticos com base nas categorias analíticas “natureza das imagens”, “procedência/finalidade” e “dimensão plástica da imagem”, as quais foram pensadas tanto em vista as características do *corpus* quanto às reflexões de Caetano (2012).

Em relação à “natureza das imagens”, serão analisadas as relações que podem ser de conflito ou harmonia, entre a imagem e o texto verbal. Em “procedência/finalidade” será discutida se a foto/imagem foi produzida para a pauta específica ou é uma imagem de arquivo. Além disso, seguindo as reflexões de Vaz e Biondi (2016), nesta categoria também será averiguado se trata de um “padrão ou um modelo protocolar”, ou seja, uma imagem apenas “para constar”. Por fim, em relação à dimensão plástica da imagem será discorrido acerca da configuração plástica da imagem, incluindo sua distribuição no espaço (topologia), composição formal (eidética) e os elementos cromáticos. Esses aspectos foram reunidos e explicitados na Tabela 3 e na Tabela 4, com o intuito de facilitar a visualização dos achados da pesquisa.

Tabela 4: análise imagética do caso Gerciane Pereira de Araújo

Número da notícia	Natureza das imagens	Procedência/Finalidade	Dimensão plástica da imagem
N1 (Cidade Verde)	Relação majoritariamente de um conflito com o texto verbal. A imagem da vítima é desatualizada (2012) e não dialoga com o conteúdo textual. As imagens da cena do crime não são explicadas, e a foto do agressor é descontextualizada (uma vez que aparece sem título e sem conexão com o texto em si).	A maioria das imagens é de arquivo. A foto de Gerciane parece ter sido retirada de redes sociais ou arquivos pessoais. As imagens da cena do crime são provavelmente de agências ou registros policiais. Todas indicam um uso protocolar, para “preencher espaço”, com destaque problemático para a representação do agressor. Esse destaque é problemático uma vez que mostrar o agressor de forma constante e de forma tão protagonista, nítida e com informações pessoais pode acabar glamorizando, justificando ou atenuando sua imagem, tornando o crime mais “passável” socialmente falando.	A fotografia de Gerciane é pequena, posicionada no início da matéria. Já a do agressor aparece em destaque, com maior tamanho e centralidade. As imagens da cena do crime têm baixa resolução e cromaticamente remetem ao macabro (tons escuros, verdes e marrons). A composição é fria e impessoal.

Número da notícia	Natureza das imagens	Procedência/Finalidade	Dimensão plástica da imagem
N2 (GP1)	Inexistente relação com o texto verbal, pois a imagem sequer carrega. Aparece apenas o texto "Imagem: Arquivo pessoal", tornando-a um rastro inoperante.	A imagem (inacessível) seria de arquivo pessoal, e parece inserida apenas para cumprir formalidade. A falta de carregamento reforça o uso automático e negligente.	Não aplicável, já que há um erro na exibição da imagem. O que resta é o "lugar vazio" da imagem, o que reforça o apagamento simbólico da vítima.
N3 (G1)	Relação de conflito simbólico. A legenda da imagem de Gerciane não corresponde ao que a imagem mostra. Já a foto da avó desloca o foco da vítima e insinua juízo moral.	A primeira imagem é de arquivo pessoal, reutilizada da N1. A segunda (da avó) foi provavelmente produzida especificamente para a pauta, mas reforça estigmas ao vincular a narrativa ao uso de drogas. Ambas operam de forma protocolar, sem aprofundamento.	A "foto da foto" de Gerciane tem aparência doméstica, luz suave, mas é mal posicionada e associada a uma legenda fria ("foi encontrada morta..."). A imagem da avó tem tom melancólico, foco em semblante sofrido e uso de cores neutras. A topologia da página não favorece a centralidade da vítima e, menos ainda, sua memória.

Fonte: Autoria própria (2025)

Tabela 4: análise imagética do caso Jakeline Galdino da Silva e Gilmara de Almeida Lopes

Número da notícia	Natureza das imagens	Procedência/Finalidade	Dimensão plástica da imagem
N4 (G1 Ceará)	A fotografia do casal estabelece uma relação ambígua com o texto: embora humanize minimamente ao mostrar afeto, a legenda reduz ambas à condição de vítimas de um crime, estabelecendo uma relação de conflito entre texto visual e verbal. O vídeo, por sua vez, apresenta chamadas genéricas e sensacionalistas, que apagam o caráter lesbofóbico do crime.	Imagem de arquivo pessoal, reutilizada como registro factual. A legenda não contextualiza a imagem afetivamente, apenas reforça o fato da morte, aproximando-se de um modelo protocolar, usado apenas "para constatar".	A foto apresenta composição frontal, com foco no casal e bordas borradas (aparentemente se trata de uma foto postada em rede social). A distribuição é centralizada, com fundo neutro, o que poderia enfatizar a relação entre ambas, mas esse aspecto simbólico é apagado pelo uso e legenda. O vídeo usa tipografia de impacto (caixa alta) e divisão de tela, com cortes rápidos.

Número da notícia	Natureza das imagens	Procedência/Finalidade	Dimensão plástica da imagem
N5 (Metrópoles)	A imagem é a mesma, mas sem legenda. Há um claro apagamento da individualidade e da relação entre as vítimas. A ausência de conexão entre texto visual e verbal demonstra conflito e esvaziamento de sentido.	Também uma imagem de arquivo pessoal, reutilizada sem contextualização. É um exemplo típico de uso protocolar, com função puramente ilustrativa.	A imagem segue os mesmos parâmetros da anterior (topologia centralizada e neutra), mas o impacto é diminuído pela desorganização visual da página: excesso de propagandas, anúncios e vídeos não relacionados quebram a linearidade da leitura e dispersam a atenção do leitor. Há poluição visual e sobreposição de conteúdos.
N6 (Terra)	A imagem é reutilizada com uma legenda genérica: "Casal foi assassinado enquanto passeava de mãos dadas". Aqui, há um uso estético e narrativo que reforça o fato da morte, com ênfase na tragédia e não na subjetividade das vítimas. A relação com o texto é funcional, mas reduzida à violência.	Imagem de reprodução televisiva (TV Verdes Mares). Finalidade: ilustrar o crime, não homenagear ou narrar a vida das vítimas. Classifica-se como imagem para constar	A composição é simplificada, com foco direto no casal. Não há destaque de cor ou profundidade. A legenda reforça o fato da morte. O layout da página mantém estrutura mais limpa, mas sem qualquer recurso visual que atribua centralidade ou dignidade à memória das vítimas.

Fonte: Autoria própria (2025)

A partir da aplicação das categorias analíticas propostas, observa-se que os acionamentos imagéticos presentes nas matérias analisadas tendem, majoritariamente, a operar de forma protocolar, sem compromisso ético com a memória das vítimas. Ao evidenciar conflitos entre texto e imagem, usos genéricos ou apagamentos visuais, a análise nos coloca a questão de como essas escolhas contribuem para processos de silenciamento e de reforço das normatividades cisnormativas, retomando a importância de se pensar criticamente os regimes de visibilidade construídos pelo jornalismo.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo central compreender como o jornalismo contribui para a constituição de imaginários sociais a respeito das lesbianidades, a partir da análise de textos verbo-visuais em seis notícias jornalísticas sobre três casos de lesbocídio. A questão de pesquisa que norteou o trabalho buscou investigar se houve avanços na cobertura jornalística de lesbocídios ao longo do tempo, bem como o impacto dessa construção narrativa na memória lésbica.

Os resultados da análise verbo-visual, focada nos títulos e textos visuais, mostraram que, apesar da distância temporal entre os casos de 2014 e 2024, a violência midiática persiste na representação dos corpos lésbicos. No que diz respeito aos títulos, embora a análise semântica não tenha sido o foco do trabalho, é importante mencionar que notamos lógicas de culpabilização e estigmatização das vítimas, além de narrativas que suavizam a responsabilidade dos autores dos crimes. Tais percepções contrastam com a análise da tipografia, a qual evidenciou que as escolhas técnicas tinham o intuito de transmitir seriedade e objetividade.

Já no que se refere à análise imagética, ela expõe padrões persistentes e transformações parciais nas narrativas. No caso de Gerciane, observa-se uma construção visual marcada por apagamento, descontextualização e espetacularização da violência. Enquanto isso, no caso de Jakeline e Gilmara, embora haja um esforço de humanização inicial através da imagem do casal, a cobertura ainda carece de aprofundamento e explicitação da motivação lesbofóbica. Em geral, as análises demonstraram que as escolhas gráficas participam ativamente da construção das notícias, por vezes reforçando preconceitos de forma mais “mascarada” nos casos mais recentes, mas ainda presente.

Portanto, percebemos que as narrativas desse *corpus* compõem o imaginário social acerca das vítimas de lesbocídio de maneira negativa, uma vez que as estigmatiza, vulnerabiliza e as trata como iscas de cliques para atrair visualização. Neste sentido, a memória lésbica também é fragmentada, visto que se as lesbianidades compõem o imaginário social coletivo de modo negativo e marginalizado, não serão reconhecidas e lembradas ao longo do tempo como corpos dignos de entrar para a história com respeito e empatia.

Referências

- ABRIL, G. Tres dimensiones del texto y de la cultura visual. **IC Revista Científica de Información y Comunicación**, [S. l.], n. 9, 2012. Disponível em: <https://icjournal-ojs.org/index.php/IC-Journal/article/view/237>. Acesso em: 26 jul. 2025.
- ANTUNES, E.; MAFRA, R; JÁUREGUI, C. Mídia em trânsito, mídia em transe: textualização, epifania e distanciação. In: LEAL, B; CARVALHO, C; ALZAMORA, G. (orgs.). **Textualidades Midiáticas**. 1ª ed. Belo Horizonte, MG: Selo PPGCOM, 2018, cap. 2, p. 35-58
- _____.; VAZ, P; TRINDADE, V. A capa em camadas pensando a materialidade da primeira página das revistas. In: MARTINS, B. et al (Orgs.). **Experiências metodológicas em textualidades midiáticas**. 1ª ed. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019, cap. 5, p. 89-111
- ARAÚJO, R. **A reconfiguração do jornalismo visual nas interfaces digitais sob influência do design responsivo e da imprensa nativa da web**. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Departamento do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 28 ago. 2019.
- BELTING, Hans. Imagem, mídia e corpo: uma nova abordagem à iconologia. **Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia**, v. 8, p. 32-60, 2006.
- BUTLER, J. **Desfazendo gênero**. Tradução: Carla Rodrigues. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- CAETANO, Kati Eliana. Análise e ensino da imagem informativa: aspectos teórico-metodológicos. **Intexto**, n. 26, p. 1-17, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/16458>. Acesso em 12 jul. 2025.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- PERES, M.; SOARES, S.; DIAS, M. **Dossiê sobre lesbocídio no Brasil**. Disponível em: <<http://li.cnm.org.br/r/oV6Ryu>> Acesso em 15/07/2025.

FERREIRA JÚNIOR, Sérgio Do Espírito Santo. NARRATIVAS IMAGÉTICAS DA VIOLÊNCIA:dramatização da morte na mídia impressa da Amazônia Paraense. **Cambiassu: Estudos em Comunicação**, v. 15, n. 17, 23 Dez 2015 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/4301>. Acesso em 2 jul. 2025.

FREIRE, Eduardo Nunes. O design no jornal impresso diário: do tipográfico ao digital. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 291-310, dez. 2009.

LEAL, B.; CARVALHO, C; ANTUNES, E; Narrativas de um problema cotidiano - o testemunho jornalístico da violência de gênero sob diferentes perspectivas. In: **Um Problema Cotidiano**. 1ª ed. Belo Horizonte, MG: Selo PPGCOM, 2020, cap.1, p. 17-45

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo como forma de conhecimento. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 21, n. 1, 1998.

MIRANDA, C. Violência contra a mulher na mídia e os descaminhos da igualdade entre os gêneros. **Revista Observatório**, v. 3, n. 6, p. 1-20, 2017.

MORAIS, J. **Design de notícias e padrões gráficos no jornalismo impresso**. 1. ed. Belo Horizonte: PUC Minas, 2018. 218 p.

OLIVEIRA, N.; RODRIGUES, V. **Histórias de morte matada contadas feito morte morrida. A narrativa de feminicídios na imprensa brasileira**. São Paulo: Drops, 2021.

RESENDE, F. Às desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa. In: GISELE SILVA, et.al. (orgs.). **Jornalismo Contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas**.1ª ed. Salvador, BA, EDUFBA: Brasília, Compós, 2011, cap.6, p.119-138

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica (1980). In: _____.(org.). **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios**. Rio de Janeiro: A Bolha, 2019. cap. 2, p. 25-108.

RONDELLI, Elizabeth. Imagens da violência: práticas discursivas. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10(2): 145-157, outubro de 1998

RUIZ, J. Z. **Introducción al diseño periodístico**. Barañáin: Eunsa, 1999.

SANTANA, A. Gênero, sexualidade e educação: perspectivas em debate. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v.7, n. 12, 2014, p. 151- 167

VAZ, P. B.; BIONDI, A. Silêncio visual e gritos verbais nas narrativas jornalísticas do feminicídio. **Figurações da morte nos media e na cultura: entre o estranho e o familiar**. Braga: Universidade do Minho, p. 71-86, 2016.

VEIGA, M. **Masculino, o Gênero do Jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias**. 2010. 250 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). UFRS, Porto Alegre.

WITTIG, M. **O pensamento hétero e outros ensaios**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. 144p.